Energia e mudanças climáticas: o protagonismo do Brasil no hidrogênio verde (1)

Eduardo Ricotta (2)

Neste exato momento, governos e empresas trabalham em ações que permitem a produção e distribuição de hidrogênio verde como alternativa de suprimento de energia não poluente. O combustível é peça-chave para países comprometidos com o combate às mudanças climáticas. O Acordo de Paris limita o aumento da temperatura média global em 1,5 oC comparada a níveis pré-industriais, e a substituição de hidrogênio de base renovável deve corresponder a 18% da energia mundial em 2050. As discussões estão acontecendo, como vimos recentemente na COP27, que ocorreu no Egito, onde o Brasil mostrou urgência em acelerar a produção de hidrogênio verde a partir das eólicas offshore.

A América Latina, em especial o Brasil, tem um papel importante no desenvolvimento do hidrogênio verde no mercado. A instalação de parques eólicos cresce (isso se refletiu em 40% da receita global da Vestas no segundo trimestre deste ano). A ABEEólica (Associação Brasileira de Energia Eólica) divulgou que, em novembro de 2022, havia 850 parques eólicos em atividade no país, com 23,34 GW de potência instalada, um crescimento de 27% em relação ao ano anterior. Os investimentos superaram US$ 5,15 bilhões. O hidrogênio verde demandará expansão maior em energia eólica, abrindo oportunidades ao aproveitamento do potencial brasileiro, tanto onshore quanto offshore. Vale ressaltar que o Brasil entrará em 2023 com a offshore regulamentada e mais de 60 projetos em análise, com potencial de geração de 160 GW.

Com a redução dos custos da eletricidade renovável, o interesse pelo hidrogênio verde naturalmente cresce, permitindo a execução de projetos como o implantado em Serra de Assuruá, na Bahia. Trata-se de um dos maiores parques eólicos do mundo, cuja operação deverá começar em 2024 (188 geradores em um empreendimento com capacidade instalada prevista de 846 MW.) Também está em construção a fábrica de hidrogênio verde a ser instalada na Bahia. A operação começa em 2023, com produção de 10 mil toneladas anuais. Em 2025, esse número deverá chegar a 40 mil toneladas.

Apesar do potencial de geração, ainda levará um tempo para que a cadeia do hidrogênio verde se torne realidade. As aplicações energéticas estão em desenvolvimento, superando desafios tecnológicos, custos e dificuldade de transporte e armazenamento. Além de isso, há necessidade de desenvolver arcabouços institucionais e marcos regulatórios. É necessário compreender que o combustível é um vetor estratégico para a descarbonização no segmento industrial e outros setores. O hidrogênio verde representa um avanço tecnológico em relação a outras fontes. O Brasil tem um potencial enorme para suprir essa demanda. Com os devidos estudos de custos e incentivos governamentais, teremos no país as alternativas de energia mais modernas e competitivas do mundo.

(1) Artigo publicado no jornal O Globo. Disponível em: https://oglobo.globo.com/opiniao/artigos/coluna/2022/12/energia-e-mudancas-climaticas-o-protagonismo-do-brasil-no-hidrogenio-verde.ghtml. Acesso em 03 de janeiro de 2023.
(2) Eduardo Ricotta é presidente da Vestas para a América Latina.